

EM ALAGOAS. MEC aponta escolas com melhor desempenho e nenhum colégio estadual entra na lista

Enem mostra caos na educação

Especialistas acreditam que desvalorização dos professores é um dos motivos para resultado negativo; da rede pública, apenas Ifal se destaca

BLEINE OLIVEIRA
REPÓRTER

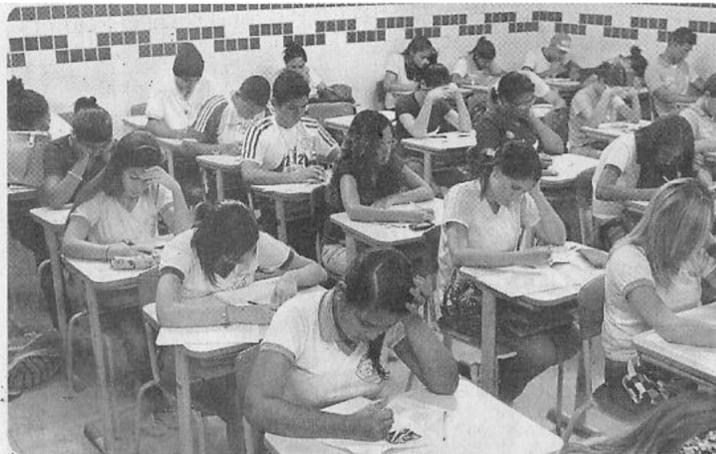
Do total de escolas alagoanas que participaram do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), em 2012, o Ministério da Educação (MEC) selecionou as 20 que apresentaram melhor desempenho. Nenhuma das mais de 160 unidades da rede pública estadual de educação entrou na lista. Da rede pública, somente o Instituto Federal de Educação de Alagoas (Ifal), o antigo Cefet, pontuou: seu campus em Maceió obteve a 5ª colocação. As outras 19 selecionadas são da rede particular de ensino.

O resultado é desolador e expõe o caos do ensino público alagoano. "Essa situação não é nenhuma surpresa para nós alagoanos e brasileiros", reage o pró-reitor de graduação da Universidade Federal de Alagoas (Ufal), professor-doutor Amauri Barros, apontando a ausência de políticas educacionais continuadas como o grande problema do nosso sistema público de ensino.

As notas do Enem 2012 por escola foram divulgadas esta semana, e o ordenamento mostra que, das 20 melhor pontuadas em todo o país, 16 são federais, e quatro são estaduais. Ao pinçar a realidade alagoana, verificamos que somente unidades da rede privada estão entre os melhores colégios do Estado.

Como explicar que nenhuma escola da rede estadual apareça numa lista como essa, feita pelo Enem? O pró-reitor Amauri Barros aponta a sequência de greves, gestores sem afinidade com as questões de ensino e ausência de programas de capacitação docente (formações continuadas) como causas dessa dura realidade. Para ele, além desses fatores, as questões socioeconômicas, a infraestrutura das escolas e a falta de políticas de assistência estudantil interferem muito nesse quadro negativo.

"O que nossas escolas têm de tão ruim? Por que estados como Piauí, Sergipe ou Maranhão sempre apresentam escolas entre as 100 melhores e Alago-



Mau resultado das escolas no ranking do Enem revela problemas no ensino público de Alagoas

as não aparece nem entre as 500 primeiras?", indaga o vice-presidente do Sindicato dos Professores das Escolas Particulares, Eduardo Vasconcelos, reagindo ao baixo desempenho do ensino em Alagoas. Para ele, a rede particular também apresenta deficiências graves, obrigando os estudantes a recorrerem a cursinhos preparatórios para sanarem o déficit das escolas.

O dirigente da entidade de classe dos professores vai mais longe, afirmando que, se "a rede pública estadual não existe, a edu-

cação privada é péssima". Em sua manifestação, Eduardo Vasconcelos diz que "Alagoas não possui uma escola entre as 500 melhores do Brasil", seja ela pública ou privada.

Ele aponta a falta de valorização do professor que, segundo disse, está há mais de 10 anos sem ganho real de salário, como uma das razões dessa triste realidade. Na rede privada, afirma o dirigente do Sinpro/AL, os docentes estão desestimulados, buscando outras atividades. "É grande o número de professores de esco-

las particulares que deixaram o ensino para ser, por exemplo, policial militar", revela.

O adoecimento, com muitos deles enfrentando síndromes e problema de voz, estão entre as dificuldades citadas por Eduardo Vasconcelos para mostrar que a crise do ensino em Alagoas não se restringe ao ensino público. Descumprimento de direitos trabalhistas, com várias escolas privadas sendo denunciadas ao Ministério Público do Trabalho, por excesso de trabalho extra-classe e número excessivo

de alunos por sala de aula são motivos das ações movidas pelo Sinpro.

Algumas das escolas denunciadas, disse o vice-presidente do sindicato, aparecem na lista das 20 unidades de Alagoas com bom desempenho no Enem/2012. "As escolas se tornaram empresas. Como aumentar o nível da educação se não temos tempo de ler um livro. Para conseguir um salário razoável, temos que dar aula pela manhã, tarde e noite. E ainda perguntam por que a educação em Alagoas está ruim", reage o dirigente.

Falta de investimentos agrava quadro

O ranking do Enem destaca uma realidade negativa, mas já de conhecimento público, e que vem se agravando nas últimas duas décadas. A grande questão então é saber o que os governos fizeram ou estão fazendo para revertê-la. Para o pró-reitor Amauri Barros, da Ufal, do ponto de vista do Estado, pouco tem sido feito.

"Temos perdido grandes oportunidades por não responder a projetos induzidos pelos diversos ministérios. É bom que fique claro que temos quadro qualificado na nossa Secretaria de Estado da Educação, mas a linha condutora das políticas educacionais não tem dado o devido valor ao ensino do nosso Estado", disse o profes-

sor. No inverso dessa situação, a Universidade Federal de Alagoas tem muitas políticas em execução, com programas e projetos voltados para a formação e qualificação de quadros para a docência.

Ele cita como exemplos os Programas Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid), de Laboratórios Interdisciplinares de Formação de Educadores (Life), o Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (Parfor), Jovens Talentos e Consolidação das Licenciaturas (Prodocência).

A baixa qualidade do ensino público, segundo o pró-reitor de Graduação da federal alagoana, está diretamente relacionada à falta de professores

para as ciências básicas. "É um problema acentuado em todo o país, reflexo da falta de políticas de valorização da carreira e muitas vezes de infraestrutura básica nas escolas (condições de trabalho)", declara ele.

Outra deficiência grave é a reposição do quadro docente, necessidade que vem sendo ignorada. "A falta de concursos em nosso Estado é um grave problema, prova disso é que o último concurso foi realizado em 2005. A presença de professores com vínculo precário (monitores) e sem a devida preparação definem esse cenário negativo", acrescenta Amauri Barros.

O resultado é o ingresso de alunos com deficiênci-

as básicas de formação nos diversos cursos superiores. "A cada dia, a universidade é desafiada a assumir o papel do Estado, promovendo programas de assistência pedagógica nas disciplinas básicas, na tentativa de corrigir deficiências na formação inicial dos nossos alunos", diz ainda o pró-reitor de Graduação da universidade federal.

Ressaltando que nem a Ufal sozinha, nem qualquer outra instituição de ensino superior podem resolver esse problema, o professor-doutor diz que o desafio é de todos, governantes, instituições e sociedade. A saída para vencer esse déficit histórico presente na formação básica do estudante alagoano é o estabelecimento de um



Amauri Barros diz que estado não tem dado o devido valor ao ensino

pacto entre todos os setores da vida pública e social, propõe ele.

O professor Amauri Barros, citando o Ifal como exemplo, dá a receita para Alagoas ter escola pública de qualidade. "Docentes qualificados, atuando em regime de tempo integral, com plano de cargo

e carreira bem definidos e alunos estudando em tempo integral. Esse modelo se propaga em todo o Estado e no país com a expansão e interiorização dos institutos federais. Silenciosamente o governo federal começa a assumir o ensino básico", concluiu.

BO O